adieu

seguido

de

magdalena

JAIME
SALAZAR
SAMPAIO

CRONOS / TEATRO
centro cultural do alto minho

JAIME SALAZAR SAMPAIO

UMINHO 3404
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ADIEU!

Seguido de

MAGDALENA

centro cultural do alto minho
CRONOS / TEATRO
1992

MAGDALENA

Esta peça foi estreada em 1984, na Sala Manuela Porto (Cornucópia), com encenação de Rogério de Carvalho, interpretação de Glicínia Quartin, cenário de José Manuel Castanheira e música de Pedro Jordão.

Existe uma tradução em italiano desta peça (inédita) da autoria de Sebastiana Fadda.

Ao fundo, um muro branco, a sugestão de um muro branco, com uma porta (hipotética) e o cordão de uma hipotética sineta.

Na zona média, uma estrutura cinzenta, sugerindo vagamente um banco de jardim.

Perto dos espectadores, um vestido branco, a sugestão de um vestido branco.

Dispersas pelo chão, várias estruturas cinzentas, mais pequenas que o "banco", mas do mesmo material. Talvez destroços, de um antigo naufrágio.

De momento, a única personagem desta peça (Magdalena) não está em cena.

Quando a acção começa, as luzes da sala apagam-se e o "muro", pelo contrário, fica intensamente iluminado. Um tempo. A luz varre a cena, desde o "muro" até à zona ocupada pelos espectadores. Entretanto, começou a ouvir-se uma voz feminina (a de Magdalena), trauteando a melodia de "La Vie en Rose". Um tempo. A luz incide exclusivamente sobre Magdalena, situada atrás dos espectadores, num local em evidência. É uma mulher de meia idade, absorvida na leitura silenciosa de uma carta e tendo a seu lado uma velha mala de viagem. Veste-se com simplicidade e bom gosto. Aumentando progressivamente o volume de voz, continua a trautear "La Vie en Rose". É agora acompanhada por um solo de piano, glosando o mesmo tema e também de intensidade crescente. Um tempo. Silêncio. Um tempo.

Magdalena (Lendo a carta, aplicadamente). - **... E as ondas...** (Abandona a carta; olhando para longe). **... As ondas... uma a uma... naquele fim de tarde...** (Volta a olhar a carta; levemente impaciente) **Sim, eu sei.** (Curta pausa). **Sei muito bem. Ainda não me esqueci!** (Desvia momentaneamente os olhos da carta). **O desejo...** (Volta a olhar a carta; com certa ironia). **Bonita expressão, em todo o caso: "desejo manso"...** (Volta a trautear "La Vie en Rose", lendo a carta para si mesma. Um tempo. Suspende-se, intrigadíssima). **O quê?!... Quarta Feira, dia vinte?** (Folheia a carta, com nervosismo). **É boa!... Deixa cá ver quando é que isto foi escrito...** (Um tempo. Desvia os olhos da carta; tom

desanimado). **Pois é...** (Suspira, acariciando a carta e acabando por dobrá-la, com todo o cuidado). **Muito sensual, esta maneira que ele tinha de... Já não falo propriamente das palavras, do sentido das palavras...** (Sonhadora)... **mas a letra...** (Pausa. Meio sorriso, olhando para longe). **Tu sabes muito bem o que eu quero dizer: o desenho voluptuoso...** (Guarda a carta no decote). **... destas vogais...** (Um tempo. Agarra na mala de viagem e dirige-se lentamente para o "muro", passando por entre os espectadores, sem os olhar. O seu percurso é sinuoso. Vai de novo a trautear "La Vie en Rose". Ao chegar ao fundo, fica de costas para o público, enfrentando o "muro". Um tempo. Deixa de trautear e segura a mala de viagem com determinação. Levanta o braço, e, pondo-se em bicos de pés, vai a puxar o cordão da sineta. Mas logo desiste e pousa a mala no chão. Um tempo). **Espera!** (Um tempo. Procurando qualquer coisa nos bolsos). **Eles deram-me um bilhete.** (Tira do bolso um papel amarrotado). **Válido para uma entrada.** (Pausa. Meio sorriso). **Uma!** (Exibe o papel). **Até tem o meu nome.** (Observa o bilhete). **Madalena.** (Observando melhor). **Que eles escreveram: Magdalena.** (Curta pausa). **À antiga.** (Soletrando, irónica). **Mag-da-le-na...** (Volta a guardar o papel no bolso). **Disseram que era só tocar àquela campainha...** (Para além do muro, ouve-se um ruído ameaçador. Ela apressa-se a rectificar.) **... Sineta, acho que é o termo.** (Vai a puxar o cordão. Desiste). **... E que uma vez lá dentro.** (Curta pausa). **Para além do muro.** (Curta pausa). **Encontraria a paz.** (Olhando à sua volta). **À sombra dos loureiros.** (Longa pausa. Meio sorriso). **Refeições gratuitas.** (Curta pausa). **Alegria... quase.** (Pausa). **Ou, pelo menos: sombra.** (Senta-se numa ponta do "banco") **Falaram de um silêncio perfumado e...** (Procurando entusiasmar-se). **... da salvação da Alma!** (Sorrindo). **Cânticos ao domingo, anunciaram.** (Deixa de sorrir). **Ao som do orgão.** (Levanta-se). **Eu tocava àquela campainha.** (Corrigindo, de novo sorridente). **Sineta!** (Pausa. Acentuando o sorriso). **E a porta abria-se, de par em par...** (Pausa. Imitando alguém). **Pergunte pela Encarregada.** (Um tempo de reflexão. Intrigada). **Soror?... Matrona?... Enfermeira?** (Pausa). **Não especificaram.** (Aproxima-se do "vestido branco" sobre o qual incide, nesse preciso momento, um potente projector). **Deram-me também um vestido branco... Para usar...** (Recua, com precipitação, para longe do vestido). **... sempre!** (A luz volta ao normal. Longa pausa; tom coloquial). **E que podia escolher... se me conviesse... um outro nome.** (Fechando a expressão). **Desde que não fosse Maria!** (Com vivacidade). **Fizeram questão nesse pormenor: Maria, nunca!** (Senta-se no "banco"; de novo em tom coloquial). **Agora se eu quisesse ser conhecida por Fulana de tal, Madame-Não-Sei-Quê, Sousa ou assim... tinha toda a liberdade de escolha...** (Pausa. Largo sorriso). **E podia repetir a sopa!** (Levemente intrigada). **Ao almoço?** (Ouve-se o ruído para além do muro. Ela rectifica). **Ao jantar, suponho.** (Dá alguns passos. Olha em volta). **Pois é... As Tílias. Os Loureiros. Os Cipres...** (Com vivacidade, procurando convencer-se).

Não, não. Não havia ciprestes. (Levemente hesitante). **Ou então... poucos.** (Pausa). **E dos mais pequeninos** (Olhando o "muro", de soslaio). **Ao longo das... das ruas. Das estradas. Daquelas, suponho eu, extensas avenidas.** (Procurando sorrir). **Dois ou três, quando muito.** (Pausa). **Assim... deste tamanho.** (Olhando em volta; inquieta). **Arbustos, quase!** (Pausa. Recompondo-se). **Falaram, insistentemente, numa grande paz interior. Uma aceitação... total.** (Desce até junto dos espectadores. Sorri, enlevada). **E aquela promessa, quentinha, reconfortante: "Poderás, em certos casos, repetir a sopa".** (Imitando, com as mão em concha, uma tijela de sopa, bebida lentamente). **Cebola, um ou outro pedaço de carne a boiar no caldo...** (Um tempo. Fechando a expressão). **Só não disseram se podia levar isto comigo.** (Tira a carta do decote. Observa-a, preocupada). **As recordações.** (Volta a guardar a carta no decore. Um tempo. Corre até à mala de viagem, junto ao "muro". Abraça a mala). **Todas-as-minhas-recordações...** (Com a mala nos braços, recua, até junto ao "banco". Poisa a mala, depois de ter hesitado, no assento do "banco". Senta-se no "banco", ao lado da mala. Um tempo. Olha a mala; acaricia-a. De súbito, resolve abri-la. Ao levantar a tampa da mala, trauteia "La Vie en Rose", logo acompanhada pelo solo de piano habitual. Uma vez a mala aberta, há um tempo de silêncio e de imobilidade, findo o qual começa a vasculhar até encontrar, lá dentro, um comprido colar de fantasia, que retira e observa, com um meio sorriso. Passa o colar entre os dedos, quase como se desfiasse um rosário. Um tempo. Pousa o colar. Volta a vasculhar. Um tempo. Retira um espelhinho da mala. Vê-se ao espelho. Um tempo. Pousa o espelhinho. Tom suave). **Aquele beijo...** (Hesitante). **O primeiro?... O último?...** (Põe o colar, dando-lhe várias voltas, em torno do pescoço. Encolhe os ombros, sorridente). **Aquele!...** (Pausa. Acentuando o sorriso). **Lábios. Língua. Saliva. Sal.** (Pausa. A meia voz mas com entusiasmo). **O sal da terra!** (Afaga o colar. Um tempo. Em tom neutro). **Depois ele morreu, é claro.** (puxa com força pelo colar, até o partir. As contas espalham-se pelo chão. Um tempo. De novo calma, começando a apanhar as contas do chão). **É sempre assim: ou morrem ou desaparecem.** (Pausa). **De morte natural.** (Curta pausa; meio sorriso). **Como se costuma dizer.** (A meia voz). **Curiosa expressão!...** (Volta a sentar-se no "banco", trazendo na mão as contas do colar partido. Tom amargo). **Morte...** (Deita as contas para dentro da mala). **... natural!** (Longa pausa. Tom coloquial). **Será que a Fulana de Tal, a Madame Não-Sei-Quê, Sousa ou assim, poderá levar lá para dentro...** (Olha o "muro", de soslaio)... **a imagem dele?** (Pausa. Preocupada). **E posso eu acaso mencionar o seu nome, sem sofrer castigo?** (Mexe os lábios, em silêncio. Um tempo. Olha em volta, receosa. Um tempo. Tom decidido) **Às fotografias devo ter direito.** (Retira da mala um maço de fotografias. Vai até junto dos espectadores). **Não passam de papéis.** (Exibindo as fotografias). **A sépia. A preto e branco.** (Pausa). **Ainda se usava, às vezes... a sépia... naquele tempo...** (Olhando o